Revista Círculo Piaga

Nº6- Junho/2026

Quem Caminha ao Seu Lado?

REVISTA CÍRCULO PIAGA

Direção Geral, Edição e Diagramação: Dom Rafael Nolêto
Textos desta edição: Dom Rafael Nolêto
Capa: Imagem inspirada na pintura “Orestes Perseguido pelas Fúrias”, de William-Adolphe Bouguereau.
Esta publicação é uma iniciativa da Associação Círculo Piaga, com o selo editorial da Biblioteca da Vila Pagã.
Contato: rafaellugh@gmail.com
Jornalista Responsável: Rafael Nolêto (DRT 1836 PI)

Sumário

03. Editorial.
04. Calendário Politeísta - Junho.
05. Pesquisa, patrimônio e espiritualidade: Vila Pagã integra programação da REPECTUR
06. Muito Além do São João: Raízes pagãs das Festas Juninas.
09. Eventos: Robigália e Festa da Fertilidade.
10. Praga ou Dádiva: Sacralidade e desafios ecológicos do Nim no Brasil.
12. O Fogo, o Milho e os Encantados: A relação dos Povos Originários com a Festa do Sol.
14. Livrai-nos dos Falsos Amigos: Lucidez e Discernimento no Caminho Pagão.
17. Quanto tempo te resta? Entre sonhos adiados e realizações possíveis.

Realização:

TRADIÇÃO, NATUREZA, FÉ E MAGIA
VILA PAGÃ

BIBLIOTECA DA VILA PAGÃ

DEVOTIO, NEXUS ET ACTIO

EDITORIAL

Salve Nobres almas!

Toda jornada é marcada por escolhas. Algumas delas dizem respeito aos caminhos que decidimos seguir; outras dizem respeito às pessoas que escolhemos para caminhar ao nosso lado. Em uma época marcada por relações superficiais, conexões instantâneas e vínculos cada vez mais frágeis, torna-se necessário refletir sobre a influência que exercemos e recebemos daqueles que compartilham conosco a estrada da vida. Nesta edição da Revista Círculo Piaga, convidamos nossos leitores a refletirem sobre a importância do discernimento nas relações humanas, tema que inspira nossa matéria de capa. Afinal, amigos verdadeiros fortalecem nossas virtudes, inspiram nosso crescimento e nos ajudam a permanecer firmes diante dos desafios. Já as falsas amizades podem nos afastar de nossa vocação, de nossos objetivos e até mesmo dos valores que sustentam nossa caminhada espiritual.

Ao longo das próximas páginas, também percorremos temas que dialogam com a ancestralidade, a identidade cultural e o compromisso com a construção de uma vida mais consciente. Falamos sobre as raízes pagãs das Festas Juninas, revisitamos celebrações realizadas pelo Círculo Piaga, refletimos sobre o significado do tempo e das oportunidades que deixamos escapar, apresentamos discussões sobre patrimônio cultural, espiritualidade e pesquisa acadêmica, além de abordarmos questões ligadas à natureza, como os dilemas envolvendo o nim em território brasileiro.

Junho é um mês marcado pelo fogo, pela colheita, pela convivência comunitária e pela celebração da vida. Que esta edição inspire cada leitor a cultivar relações mais sólidas, honrar suas raízes, valorizar seu tempo e caminhar com coragem em direção àquilo que realmente importa.

Se esta obra contribui para o seu caminho, considere apoiar a continuidade deste trabalho e das ações do Círculo Piaga. As doações podem ser realizadas via PIX: rafaellugh@gmail.com.

Sua contribuição mantém viva esta construção coletiva, fortalece nossos projetos culturais, educativos e espirituais, e permite que iniciativas como esta revista continuem chegando a cada vez mais pessoas.

Que os deuses abençoem seus frutos, fortaleçam suas raízes e conduzam seus passos com firmeza e propósito.

Aweté!

Dom Rafael Nolêto

Sacerdote Piaga

Calendário Politeísta
Junho

• **01/06 (segunda-feira).**
Festival consagrado a Carna (Linha Romana), deusa das portas e fechaduras, protetora da vida familiar.
Celebração de Juno Moneta (Linha Romana).

• **03/06 (quarta-feira).**
Belonária: Celebração de Belona, deusa da guerra (Linha Romana).

• **07/06 (domingo).**
Vestália (Linha Romana): festival em honra a Vesta, deusa do lar e do fogo doméstico.

• **08/06 (segunda-feira).**
Celebração de Mens (Linha Romana), deusa da mente.

• **11/06 (quinta-feira).**
Matrália (Linha Romana): celebração da deusa Mater Matuta, antiga divindade latina da fertilidade, da maturação dos grãos, do parto e do amanhecer (a "Mãe da Manhã"). Também é considerada padroeira das tias, pois nestas celebrações as mulheres rezavam pela saúde dos filhos e traziam os sobrinhos para receber as bênçãos da deusa, simbolizando a ligação e o cuidado familiar.

• **12/06 (sexta-feira).**
Dia dos Namorados e véspera do Dia de Santo Antônio, ocasião propícia para simpatias de amor.

• **13/06 (sábado).**
Dia de Santo Antônio (Linha das Almas/ Tradição Popular).

• **17/06 (quarta-feira).**
Ludi Piscatari (Linha Romana). Festival dos pescadores.

• **19/06 (sexta-feira).**
Dia de Cerridwen (Linha Celta).

• **21/06 (domingo).**
Festa do Sol (Paganismo Brasileiro)

• **22/06 (segunda-feira).**
Dia de Cu Chulaim (Linha Celta), herói mítico cultuado no druidismo.

• **23/06 (terça-feira).**
Véspera do Dia de São João e continuidade das celebrações do solstício.

• **24/06 (quarta-feira).**
- *Festival de Puri Rath Yatra (Liha Hindu). Este é o maior e mais antigo festival de carros alegóricos do mundo, celebrado na cidade sagrada de Puri, em Odisha, Índia. O evento deste ano começa no dia 16 de julho de 2026 e culmina com a procissão de retorno (Bahuda Yatra) em 24 de julho de 2026. O festival comemora a visita anual de Senhor Jagannath, seu irmão Balabhadra e sua irmã Subhadra à casa de sua tia (o Templo de Gundicha).*
  - *Senhor Jagannath: É uma forma do Senhor Vishnu (ou Krishna). Ele rege o Universo, a compaixão universal e a libertação espiritual (Moksha). Seu nome significa literalmente "Senhor do Universo".*
  - *Senhor Balabhadra: É o irmão mais velho de Jagannath (associado a Balarama). Ele rege a força física, a agricultura, a sabedoria e a integridade.*
  - *Deusa Subhadra: É a irmã mais nova. Ela rege a energia feminina, a proteção, a auspiciosidade e o bem-estar familiar.*

Pesquisa, patrimônio e espiritualidade:

Vila Pagã integra programação da REPECTUR

A Rede de Pesquisa em Cultura, Turismo e Religiosidades (REPECTUR) realizou, entre os dias 23 e 25 de abril de 2026, em Teresina, seu II Encontro, promovido em parceria com o NETUR/UESPI. O evento reuniu pesquisadores para discutir temas relacionados à cultura, ao turismo e às religiosidades, abordando questões como espaços sagrados, patrimônios culturais, tradições religiosas, ancestralidade, turismo pedagógico e governança de destinos sagrados. O encerramento foi realizado no sábado (25/04), com uma visita técnica à Vila Pagã.

Após visitação, os participantes conheceram os espaços do complexo, degustaram um almoço regional e encerraram a programação na Biblioteca da Vila. Receber encontros dessa natureza representa uma oportunidade de movimentar a biblioteca como ambiente de estudo e pesquisa, aproximar-se de redes acadêmicas nacionais, ampliar a visibilidade das tradições politeístas e fomentar o turismo pedagógico, cultural e religioso, demonstrando o potencial desses espaços como laboratórios vivos para a reflexão sobre identidade, patrimônio, fé e desenvolvimento local.

Muito Além do São João

As Raízes Pagãs das Festas Juninas e sua Permanência no Piaganismo

Poucas celebrações conseguem reunir, ao mesmo tempo, religiosidade, cultura popular, memória familiar, gastronomia, música e identidade coletiva como as festas juninas. Durante o mês de junho, fogueiras são acesas, bandeirinhas coloridas enfeitam ruas e quintais, famílias se reúnem em torno de mesas fartas e comunidades inteiras participam de danças, apresentações e festejos.

Para muitos brasileiros, trata-se simplesmente de uma tradição ligada a São João, São Pedro e Santo Antônio. Entretanto, pesquisadores da história das religiões, da antropologia e do folclore apontam que as origens dessas festividades remontam a períodos muito anteriores ao cristianismo, encontrando suas raízes nas antigas celebrações pagãs relacionadas aos ciclos da natureza, à fertilidade da terra e à abundância das colheitas.

O fogo que atravessou milênios A fogueira, símbolo marcante das festas juninas, possui uma história muito mais antiga do que normalmente se imagina. Em diversas sociedades europeias da Antiguidade, especialmente entre povos indo-europeus, celtas, germânicos e mediterrâneos, o fogo ocupava papel central nos rituais realizados durante a passagem das estações.

Acender grandes fogueiras significava celebrar o poder do Sol, purificar ambientes, afastar influências negativas e fortalecer os laços comunitários.

O antropólogo escocês James George Frazer, em sua obra clássica O Ramo de Ouro, registrou inúmeros exemplos de festividades realizadas em torno dos solstícios, nas quais o fogo era considerado elemento de renovação e proteção.

Não por acaso, quando o cristianismo se consolidou como religião oficial do Império Romano, a Igreja optou por incorporar muitas dessas celebrações populares em vez de suprimi-las completamente. Datas, símbolos e costumes foram reinterpretados dentro de uma nova estrutura religiosa. A antiga festa do solstício de verão do hemisfério norte acabou associada ao nascimento de João Batista, comemorado em 24 de junho. O fogo permaneceu, mas mudou-se a narrativa e a prática continuou.

A natureza no centro da celebração

Para compreender a origem dessas festividades, é importante lembrar que os povos antigos dependiam diretamente dos ciclos naturais.

“esses eventos constituíam momentos de reafirmação da própria existência coletiva.”

As estações do ano determinavam períodos de plantio, colheita, reprodução dos animais e disponibilidade de alimentos. Em consequência, o calendário religioso era profundamente ligado ao comportamento da natureza.

As grandes festas de primavera e verão celebravam justamente o momento em que a vida atingia seu auge. Eram ocasiões marcadas por abundância, casamentos, alianças entre comunidades, banquetes e homenagens às divindades relacionadas à fertilidade, à agricultura e à prosperidade.

Em diferentes regiões do mundo antigo, deuses e deusas como Ísis e Osíris, Afrodite e Adônis, Ishtar e Tamuz simbolizavam a renovação da vida e a continuidade dos ciclos naturais. Além de serem festividades, esses eventos constituíam momentos de reafirmação da própria existência coletiva.

A reinvenção brasileira

Quando chegaram ao Brasil, as festas europeias encontraram uma realidade completamente diferente. Aqui, os ciclos climáticos não seguiam o mesmo padrão das regiões temperadas do hemisfério norte. Além disso, a formação cultural brasileira incorporou elementos indígenas, africanos e regionais que transformaram profundamente essas celebrações.

O resultado foi uma das mais autênticas manifestações da cultura nacional. No Nordeste, o São João tornou-se uma das maiores festas populares do país. Na região Norte, manifestações como o Boi-Bumbá adquiriram enorme relevância. No Sul, o Boi de Mamão preservou características próprias. Em diversas regiões, Cavalhadas, festas do Divino Espírito Santo e outras expressões populares passaram a compartilhar elementos semelhantes de sociabilidade, celebração e pertencimento.

Ao longo dos séculos, o que era originalmente um conjunto de rituais ligados aos ciclos da natureza foi absorvido pela religião dominante e, posteriormente, devolvido à esfera da cultura popular. Talvez seja por isso que as festas juninas despertem um sentimento tão profundo de identidade.

Vestir-se de caipira, dançar quadrilha, acender uma fogueira ou preparar receitas tradicionais não representa apenas uma atividade recreativa; simboliza um reencontro simbólico com os pais, avós e bisavós que fizeram o mesmo antes de nós.

A Leitura do Paganismo Brasileiro

Dentro do Piaganismo, as festas juninas são vistas como um patrimônio cultural e espiritual de enorme importância. Digo isto porque elas não são entendidas exclusivamente como celebrações religiosas, mas como ocasiões onde se preservam elementos fundamentais da relação ancestral entre o ser humano e a natureza. A fogueira continua sendo símbolo de luz, calor e renovação. Os mastros representam a força das árvores e a permanência da vida. Os alimentos típicos expressam gratidão pela fertilidade da terra. As danças fortalecem os vínculos comunitários e o encontro entre famílias e amigos reafirma algo que esteve presente em praticamente todas as culturas tradicionais: a compreensão de que a prosperidade não é apenas individual, mas coletiva.

Sob essa perspectiva, as festas juninas tornam-se uma oportunidade para recordar que a natureza não é um cenário distante, mas a própria base da existência humana.

Um convite à ancestralidade

Vivemos em uma época marcada pela aceleração do tempo, pelo isolamento digital e pela perda gradual de muitos costumes comunitários. Talvez seja justamente por isso que as festas juninas continuem despertando tanto encanto, pois elas nos lembram de algo profundamente humano: a necessidade de celebrar juntos.

Ao redor da fogueira, pouco importa a origem social, a profissão ou as diferenças do cotidiano. O que permanece é a experiência compartilhada de cantar, dançar, conversar e agradecer pela vida.

Sob a ótica do Paganismo Brasileiro, junho continua sendo um período especial, porque carrega uma energia coletiva construída ao longo de séculos de encontros, memórias e celebrações. Participar dessas tradições significa reconhecer que fazemos parte de uma longa corrente humana que atravessa gerações; significa compreender que a fogueira que hoje ilumina nossos arraiais é descendente das mesmas chamas que aqueceram nossos antepassados. E talvez seja justamente por isso que, quando junho chega, algo dentro de nós parece despertar, assim como se a memória da terra ainda soubesse o caminho de volta para casa.

Robigália 2026

Na manhã de 26 de abril de 2026, a Vila Pagã recebeu mais uma edição da Robigália, celebração dedicada a Robigus, divindade associada à proteção dos campos contra as pragas. Realizada anualmente pela comunidade desde 2013, a festividade reuniu participantes em uma programação que incluiu roda de conversa sobre as origens do rito, procissão pelos espaços da Vila, bênção simbólica dos campos e a tradicional queima do espantalho, representando a destruição das pragas e dos obstáculos que ameaçam a vida, a prosperidade e a harmonia.

Marcada por um clima de alegria e integração, a celebração prosseguiu com cantos, danças ao redor da fogueira e um banquete comunitário. A Robigália reafirmou valores como cooperação, renovação e cuidado com aquilo que cultivamos, mantendo viva uma tradição que há mais de dois milênios convida o ser humano a refletir sobre sua relação com a terra, os ciclos da natureza e a construção de uma comunidade forte e unida.

Celebração da Fertilidade

No domingo, 03/05/2026, o Templo Piaga recebeu a celebração da Festa da Fertilidade. A festividade celebrou a abundância, o florescimento da vida e as forças criadoras da natureza, reforçando a importância dos ciclos de crescimento e renovação presentes tanto na terra quanto na jornada humana. Na ocasião, os participantes também tiveram a oportunidade de participar de uma oficina de guirlandas.

A guirlanda foi produzida com elementos naturais e aprendendo sobre seus significados simbólicos como instrumentos de proteção, prosperidade e conexão com o sagrado.

Praga ou Dáviva?

Sacralidade e desafios ecológicos do Nim no Brasil

Poucas árvores despertam sentimentos tão contraditórios quanto o nim (*Azadirachta indica*). Originária do subcontinente indiano, essa espécie tornou-se conhecida em diversas partes do mundo por suas propriedades medicinais, repelentes e fitoterápicas. No Brasil, entretanto, seu nome também está associado a uma polêmica: a capacidade de se espalhar rapidamente e competir com espécies nativas, especialmente em regiões semiáridas.

Diante disso, surge uma pergunta inevitável: uma planta considerada invasora em determinados contextos pode ser também uma planta sagrada?

Para compreender essa aparente contradição, precisamos olhar para o nim não apenas através das lentes da ecologia, mas também da história das religiões, da etnobotânica e da espiritualidade.

A Árvore da Deusa

No Hinduísmo, o nim ocupa uma posição de profundo respeito. Ele é visto como uma manifestação viva do poder feminino divino, conhecido como Shakti. Acredita-se que a árvore seja uma das moradas terrenas de divindades como Sitala Devi e Mariamman, deusas associadas à proteção contra epidemias, febres e doenças contagiosas. A tradição indiana ensina que a divindade tanto pode permitir a enfermidade quanto removê-la, e o nim seria um dos instrumentos utilizados para restaurar o equilíbrio.

Uma antiga lenda afirma que gotas da Amrita, o néctar da imortalidade, caíram sobre a árvore enquanto eram transportadas por Garuda, conferindo ao nim propriedades extraordinárias de cura e preservação.

Por essa razão, em muitas aldeias indianas, a presença de um nim próximo às casas é considerada uma bênção protetora, uma espécie de sentinela espiritual que vigia os moradores e mantém afastadas influências nocivas.

O Amargo que Cura

O sabor intensamente amargo do nim tornou-se um poderoso símbolo espiritual.

Na tradição hindu, ele representa a chamada "verdade amarga": aquilo que nem sempre desejamos enfrentar, mas que precisa ser encarado para que haja crescimento, cura e transformação.

Essa ideia encontra paralelos em muitas tradições pagãs ao redor do mundo. O caminho espiritual raramente é construído apenas por experiências agradáveis; pois muitas vezes a sabedoria nasce justamente da disciplina, do sacrifício e da superação de dificuldades. Assim, o nim ensina que nem toda medicina é doce e que algumas curas chegam em forma de desafios.

Um Banidor Natural

Mesmo fora do campo religioso, o nim conquistou fama internacional por sua capacidade de repelir insetos e auxiliar no controle de diversas pragas agrícolas. Em várias tradições populares da Índia, galhos de nim são colocados em portas, janelas e entradas de templos para impedir a entrada de influências negativas. Folhas secas são utilizadas em defumações de limpeza, enquanto banhos preparados com suas folhas são empregados em rituais de purificação. O nim tornou-se uma planta de banimento, associada ao afastamento de tudo aquilo que ameaça a ordem, a saúde e a harmonia.

No Paganismo Brasileiro, essa associação é facilmente compreendida. Se uma planta é capaz de repelir insetos que atacam plantações, não é estranho que o imaginário mágico a associe também ao afastamento de energias intrusas, obsessões, miasmas espirituais e aquilo que algumas tradições chamam de "larvas astrais". Nesse contexto, o nim pode ser compreendido como uma planta de limpeza, proteção e defesa espiritual.

No contexto Piaga

O nim é reconhecido como uma planta sagrada por sua rica tradição espiritual e seus usos mágicos. Contudo, essa valorização não implica incentivar seu plantio, já que a espécie possui potencial invasor no Brasil. Podemos conhecer a história, os usos tradicionais e os simbolismos sem ignorar os impactos ecológicos que ele pode causar. Talvez seja essa sua maior lição: nem tudo o que é sagrado precisa ser multiplicado. Às vezes, a verdadeira sabedoria está em reconhecer os limites.

Uma praga? Talvez. Uma planta sagrada? Sem dúvida. Uma professora de discernimento? Certamente!

O Fogo, o Milho e os Encantados:

A relação dos Povos Originários com a Festa do Sol

Quando as fogueiras se acendem nas noites de junho, iluminando arraiais, terreiros e quintais por todo o Brasil, poucos se dão conta de que estão participando de uma tradição muito mais antiga do que as próprias festas de São João, Santo Antônio ou São Pedro. Embora as celebrações juninas tenham sido amplamente difundidas pelos colonizadores europeus sob a forma de festividades católicas, suas raízes se entrelaçaram profundamente com costumes já existentes entre os povos originários do território brasileiro.

Diversos estudos sobre a cultura popular brasileira apontam que muitos povos indígenas realizavam rituais associados aos ciclos agrícolas, às colheitas e aos movimentos celestes muito antes da chegada dos europeus. O milho, a mandioca, as batatas e outros cultivos fundamentais para a sobrevivência das comunidades eram motivo de celebração, gratidão e fortalecimento dos vínculos coletivos. Em muitas dessas ocasiões, o fogo ocupava posição central como elemento de comunhão, proteção e renovação.

A herança indígena permanece viva principalmente na culinária típica das festas juninas. Pratos considerados indispensáveis nesta época do ano possuem origem direta nos saberes alimentares dos povos nativos. A pamonha, a canjica, o munguzá, a tapioca, a pipoca, os beijus e inúmeras receitas à base de milho e mandioca derivam de técnicas de cultivo e preparo desenvolvidas muito antes da colonização

Assim, cada mesa junina torna-se também um testemunho da contribuição dos primeiros habitantes do Brasil para a formação da identidade nacional.

Entre diversas tradições indígenas do sul do continente, destaca-se a figura de **Karaí**, divindade associada ao fogo, à transformação, à sabedoria e ao conhecimento transmitido entre as gerações. No livro Paganismo Brasileiro, Karaí é apresentada como filha primogênita de Jakairá e Arasema, divindade do fogo sagrado, da comunicação espiritual e da conexão entre os mundos.

Quando observamos uma fogueira junina sob essa ótica, percebemos que ela não é apenas um ornamento festivo, mas representa também um centro sagrado em torno do qual a comunidade se reúne para celebrar a vida, partilhar alimentos, cantar, dançar e renovar seus laços. O fogo torna-se uma ponte entre o mundo visível e as forças espirituais que acompanham os ciclos da natureza.

Alguns pesquisadores também registram que povos do tronco Kariri realizavam celebrações relacionadas aos períodos de transição do calendário agrícola e aos movimentos observados no céu. Embora nem sempre seja possível reconstruir integralmente esses ritos, eles revelam que o mês de junho possuía importância especial para diversas comunidades indígenas, especialmente em função da colheita.

Sob a perspectiva do Paganismo Brasileiro, junho também pode ser compreendido como um período favorável para a veneração de divindades associadas ao Sol, à fertilidade da terra e à abundância das colheitas. Entre elas destaca-se **Guaracy**, o grande espírito solar presente em diversas tradições indígenas, cuja luz garante o crescimento das plantações, o amadurecimento dos frutos e a continuidade da vida. Em um período marcado pelas fogueiras e pela celebração comunitária, a presença simbólica de Guaracy manifesta-se como força de vitalidade, prosperidade e renovação.

Outra figura de profunda relevância é **Mani** — também conhecida em algumas tradições como Mandi —, entidade associada ao mito da origem da mandioca. Sua história permanece entre os mais conhecidos relatos indígenas sobre a relação sagrada entre humanidade e natureza. A mandioca, alimento fundamental para inúmeros povos brasileiros, tornou-se símbolo de sustento, generosidade e permanência cultural. Celebrar os frutos da terra durante as festividades juninas é, de certa forma, também recordar o legado espiritual de Mani.

No contexto do Piaganismo, as festas juninas oferecem uma oportunidade singular para fortalecer os vínculos com a ancestralidade brasileira, não somente reproduzindo costumes folclóricos, mas reconhecendo a dimensão sagrada presente nas tradições populares que atravessaram gerações. Nesse sentido, muitos praticantes dedicam este período à reverência aos espíritos da **Linha do Culto Índio**, buscando honrar aqueles que guardaram conhecimentos sobre a terra, os ciclos da natureza, as ervas, as colheitas e a convivência comunitária.

Cânticos sagrados, danças coletivas, procissões ao redor do fogo, banquetes comunitários e momentos de oração podem transformar as festividades de junho em verdadeiras experiências de reconexão cultural e espiritual. A fogueira deixa de ser apenas uma atração visual; o milho deixa de ser apenas alimento; a música deixa de ser mero entretenimento. Tudo passa a expressar uma memória ancestral que continua viva no coração do povo brasileiro.

Livrai-nos dos Falsos Amigos

Lucidez e Discernimento no Caminho Pagão

Amizade: palavra antiga, nobre e, ao mesmo tempo, frequentemente banalizada. Chamamos de amigos pessoas com quem convivemos ocasionalmente, colegas de trabalho, conhecidos das redes sociais ou indivíduos que cruzam nosso caminho por algum interesse momentâneo. No entanto, assim como os antigos povos percebiam diferenças entre alianças, companheirismo, paixão e verdadeira fraternidade, também nós precisamos cultivar discernimento para compreender quem realmente caminha ao nosso lado. O ser humano é uma criatura social. Nenhuma aldeia prospera sem vínculos, nenhuma tradição sobrevive sem comunidade. No Piaganismo, a própria ideia de *Nexus* — o vínculo sagrado — nos recorda que a vida é tecida por relações. Contudo, nem todo vínculo é saudável, nem toda proximidade é amizade, e nem toda demonstração de afeto nasce de intenções nobres.

As antigas mitologias oferecem inúmeros exemplos sobre os perigos de confundir diferentes formas de relação humana. Um dos casos mais conhecidos encontra-se no mito de Apolo e Dafne. O deus, tomado por uma paixão avassaladora, persegue a ninfa acreditando que seu desejo poderia transformar-se em união. Contudo, Dafne não compartilhava daquele sentimento. O mito nos ensina que paixão não é amizade, e que o desejo de uma das partes não cria automaticamente reciprocidade na outra. Muitas relações humanas fracassam justamente porque se tenta transformar atração, admiração ou fascínio em algo que nunca foi destinado a ser amizade verdadeira.

Outro exemplo surge na relação entre Zeus e Ganimedes. O jovem troiano foi levado ao Olimpo pela admiração que despertava no deus. Embora diferentes tradições interpretem o episódio de maneiras distintas, ele demonstra como o encanto, a beleza ou a fascinação podem gerar laços que não se confundem necessariamente com amizade. Os antigos compreendiam que existem afetos de naturezas diferentes e que misturá-los frequentemente produz sofrimento, expectativas frustradas e desequilíbrios. A literatura grega também apresenta exemplos mais elevados de amizade. Entre Orestes e Pílades encontramos uma relação marcada pela lealdade inabalável.

“Nem tudo aquilo que parece amistoso é digno de confiança. Os falsos amigos raramente se apresentam como adversários.”

Quando Orestes enfrentou perseguições, julgamentos e perigos, Pílades permaneceu ao seu lado sem buscar vantagens pessoais. Sua presença não dependia de conveniências ou benefícios. Essa é uma das características mais claras da verdadeira amizade: ela permanece mesmo quando desaparecem os interesses.

Nas tradições nórdicas, o próprio Odin adverte no *Hávamál* que o homem prudente deve conhecer bem aqueles em quem deposita sua confiança. O texto aconselha que amizades sejam cultivadas com reciprocidade e atenção, pois palavras gentis podem esconder intenções traiçoeiras. Os antigos escandinavos sabiam que a ingenuidade excessiva pode transformar-se em vulnerabilidade.

Também em nossas tradições brasileiras encontramos ensinamentos semelhantes. Muitos relatos folclóricos falam de encantados que se apresentam sob formas agradáveis, conquistam a confiança dos viajantes e depois revelam sua verdadeira natureza. Essas narrativas expressam uma verdade dura: nem tudo aquilo que parece amistoso é digno de confiança. Os falsos amigos raramente se apresentam como adversários. Geralmente chegam revestidos de simpatia, elogios e aparente boa vontade. Aproximam-se porque desejam acesso à nossa energia, ao nosso conhecimento, à nossa influência ou aos frutos do nosso trabalho. Enquanto recebem benefícios, permanecem por perto. Quando os ventos mudam, desaparecem. Não são companheiros de jornada; são apenas passageiros oportunistas.

O verdadeiro amigo, por outro lado, alegra-se com nossas conquistas sem inveja, oferece críticas sinceras quando necessárias e permanece presente tanto nos momentos de abundância quanto nos tempos difíceis. Sua lealdade não nasce do interesse, mas do reconhecimento mútuo de valores compartilhados.

No Piaganismo, amizade também envolve responsabilidade. Não basta sentir afeição; é preciso agir de maneira digna da confiança recebida. A amizade autêntica fortalece a comunidade, preserva a honra e contribui para o crescimento espiritual dos envolvidos. Ela se torna uma expressão prática de Devotio, Nexus et Actio: compromisso, vínculo e ação. Por isso, cultivar amizades exige duas virtudes complementares. A primeira é a abertura de coração, pois ninguém floresce no isolamento.

A segunda é a lucidez, pois ninguém prospera cercado por pessoas que apenas aparentam amizade. Entre a ingenuidade e a desconfiança absoluta existe um caminho equilibrado: observar as ações mais do que as palavras, o comportamento mais do que as promessas, a constância mais do que os discursos.

Os antigos deuses, heróis e encantados nos ensinam que nem toda paixão é amizade, nem toda admiração é amor, nem toda companhia é lealdade. A verdadeira amizade revela-se no tempo, nas provações e na reciprocidade. E aqueles que aprendem essa lição caminham pela vida com menos ilusões, mas com vínculos muito mais sólidos e valiosos. Afinal, uma única amizade sincera vale mais do que uma multidão de companhias superficiais.

Quanto Tempo te resta?

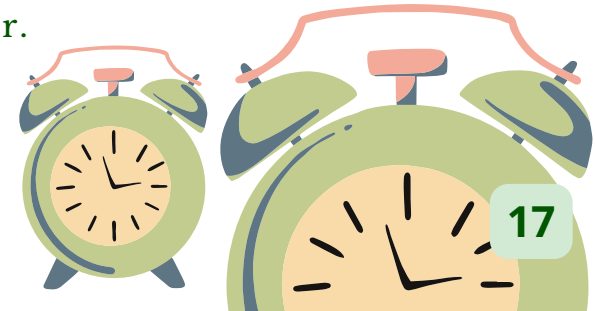
Entre sonhos adiados e realizações possíveis

Existe uma pergunta que, em algum momento da vida, todos nós somos obrigados a enfrentar: quanto tempo ainda nos resta? Não se trata apenas da expectativa de vida registrada em estatísticas ou da quantidade de anos que ainda poderemos viver, mas da parcela de tempo que permanece disponível para realizar aquilo que realmente importa. Quantos projetos ainda poderão ser iniciados? Quantos sonhos ainda poderão ser concretizados? Quantas mudanças ainda poderão ser feitas antes que as oportunidades desapareçam definitivamente?

Vivemos em uma época marcada pela velocidade, pelo excesso de informações e por uma permanente sensação de urgência. Paradoxalmente, enquanto nunca estivemos tão ocupados, também nunca foi tão comum encontrar pessoas que sentem estar desperdiçando a própria existência. Muitos passam anos desempenhando atividades que não os realizam, mantendo relacionamentos que os enfraquecem ou permanecendo em ambientes que limitam seu crescimento. Outros adiam indefinidamente projetos, vocações e aspirações por acreditarem que ainda não possuem recursos suficientes, conhecimento adequado ou condições ideais para agir.

O problema é que a vida não costuma aguardar o momento perfeito. O tempo possui uma característica singular: é o único recurso verdadeiramente irrecuperável. O dinheiro perdido pode ser reconquistado, um patrimônio pode ser reconstruído e até mesmo determinadas relações podem ser restauradas. O tempo, contudo, segue em uma única direção. Cada dia consumido pela indecisão, pelo medo ou pela acomodação representa uma parcela da existência que jamais retornará.

Sob a perspectiva do Piaganismo, essa reflexão adquire um significado ainda mais profundo, pois a vida não é compreendida apenas como um fenômeno biológico, mas como uma oportunidade sagrada de construção, aprendizado e serviço. Cada indivíduo nasce dotado de capacidades, talentos e potenciais que podem contribuir não apenas para seu próprio desenvolvimento, mas também para o fortalecimento de sua família, de sua comunidade e da cultura que o cerca. Nesse sentido, desperdiçar a própria vocação significa, em certa medida, deixar de oferecer ao mundo algo que somente aquela pessoa poderia realizar.



Na tradição helênica, por exemplo, Ícaro tornou-se conhecido por sua queda, mas sua história não trata apenas da imprudência. Ela também nos lembra que grandes oportunidades exigem discernimento. Receber uma chance extraordinária não garante que ela será bem aproveitada. Da mesma forma, Faetonte recebeu a oportunidade de conduzir o carro solar de seu pai, Hélio, mas não possuía a preparação necessária para assumir tamanho encargo. Ambos ilustram uma realidade frequentemente ignorada: **não basta desejar algo grandioso, é preciso desenvolver as virtudes e competências necessárias para sustentá-lo.**

Por outro lado, encontramos exemplos de personagens que decidiram agir mesmo diante de circunstâncias adversas. Ulisses, em sua longa jornada de retorno para casa, enfrentou perdas, tentações, fracassos e obstáculos aparentemente intransponíveis. Ainda assim, perseverou. Sua grande virtude não foi a força física, mas a capacidade de permanecer fiel ao propósito que havia assumido. Hércules, por sua vez, poderia ter permitido que os erros do passado definissem seu futuro. Em vez disso, aceitou seus desafios, enfrentou suas provações e construiu uma trajetória que atravessou os séculos como símbolo de superação.

Essas narrativas possuem uma relevância surpreendente para os dias atuais. Quantas pessoas abandonam seus projetos antes mesmo de tentar? Quantas deixam de desenvolver talentos genuínos porque receiam o julgamento alheio? Quantas permanecem presas a rotinas insatisfatórias por medo da mudança?
Em muitos casos, não é a falta de capacidade que impede a realização de grandes feitos, mas a incapacidade de dar o primeiro passo.

Outro aspecto frequentemente negligenciado é a influência das companhias que escolhemos cultivar. Os antigos compreendiam que ninguém constrói seu destino completamente sozinho, porque as pessoas ao nosso redor exercem profunda influência sobre nossas decisões, nossos valores e nossa percepção das próprias possibilidades. Algumas amizades inspiram crescimento, disciplina e coragem; enquanto outras alimentam a estagnação, o conformismo e a descrença. Não são poucos os sonhos que deixam de existir porque foram sufocados por ambientes incapazes de compreender seu valor.

Por essa razão, o Piaganismo atribui grande importância à construção comunitária. Uma comunidade saudável não existe apenas para reunir indivíduos em torno de crenças comuns, mas para fortalecer seus membros e estimular o florescimento de suas potencialidades. Quando pessoas comprometidas compartilham experiências, responsabilidades e propósitos, tornam-se capazes de realizar projetos que dificilmente alcançariam isoladamente. O senso de pertencimento deixa de ser apenas um conforto emocional e passa a ser uma força concreta de transformação.

Ao longo da história, praticamente tudo aquilo que admiramos foi construído por homens e mulheres que decidiram agir antes de se sentirem completamente preparados. Tradições foram preservadas porque alguém assumiu a responsabilidade de transmiti-las, comunidades foram fundadas porque alguém acreditou que elas eram necessárias, conhecimentos foram registrados porque alguém compreendeu que não poderiam ser perdidos, templos foram erguidos porque alguém decidiu transformar uma visão em realidade.

Talvez, portanto, a questão mais importante não seja quanto tempo ainda temos, mas o que estamos fazendo com o tempo que possuímos agora.

Afinal, de que adianta aguardar indefinidamente pelas circunstâncias ideais se a própria vida continua avançando? Quantos sonhos permanecerão apenas como intenções? Quantos projetos jamais sairão do papel? Quantas vocações permanecerão adormecidas por medo, insegurança ou conformismo?

Os antigos heróis não se tornaram memoráveis porque viveram vidas perfeitas. Tornaram-se memoráveis porque responderam aos desafios que encontraram pelo caminho. Da mesma forma, o valor de uma existência não é medido apenas pela sua duração, mas pelo significado das ações realizadas durante sua trajetória. Em um mundo cada vez mais distraído e fragmentado, talvez uma das atitudes mais revolucionárias seja justamente assumir a responsabilidade pela própria vocação, fortalecer os vínculos que realmente importam e dedicar o tempo restante à construção de algo que mereça permanecer após nossa partida.

Ninguém sabe quanto tempo ainda possui. Mas todos sabem que cada dia que passa é um dia a menos para realizar aquilo que verdadeiramente importa.

MANDI
A MÃE DA MANDIOCA
KARAÍ
SENHORA DO FOGO
GUARACY
SENHOR DO SOL